

## CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Todos sabemos da importância dos cursos de pós-graduação no Brasil hoje. Da formação e preparo de professores, pesquisadores e cientistas dependem o progresso e um futuro promissor.

A Igreja, atenta aos *sinais dos tempos*, procura formar seus sacerdotes, agentes pastorais e militantes leigos para a tarefa da evangelização.

Assim, a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, tem se empenhado em criar e manter programas de pós-graduação com o objetivo de oferecer qualificação acadêmica para o exercício do magistério teológico, da pesquisa científica e do ministério pastoral.

### Principais áreas atendidas pelo Departamento de Pós-Graduação:

**PASTORAL:** a partir dos grandes desafios da modernidade, busca caminhos novos de evangelização, especialmente, no contexto urbano e latino-americano

**TEOLOGIA DOGMÁTICA:** estuda, sistematicamente, a doutrina da Igreja e sua contextualização na América Latina

**TEOLOGIA MORAL:** em base às fontes da fé e às ciências modernas confronta os desafios éticos presentes no contexto latino-americano e busca soluções.

### Áreas de Concentração da Teologia Dogmática:

**ESTUDOS BÍBLICOS:** fornece instrumental para a leitura pastoral e científica das Sagradas Escrituras

**LITURGIA:** analisa a realidade litúrgica com metodologia adequada à luz da Sagrada Escritura e da Tradição viva da Igreja

**MISSIOLOGIA:** procura responder as exigências da evangelização que deve ser nova, integral e inculturada.

**HISTÓRIA DA EVANGELIZAÇÃO:** propõe uma reflexão teológica sobre os grandes desafios do tempo presente, na metodologia histórica, nas ciências sociais e no ecumenismo.

Os cursos são semestrais, com matrículas nos meses de fevereiro e julho.

As aulas são oferecidas de segunda e sexta-feira, de manhã e a tarde, no Campus III da mesma Faculdade.

**Outras informações:** Av. Nazaré, 993

04263-100 - São Paulo - SP.

Fone 274-8600

Fax 272-7630

## JESUS, FILHO DE DEUS SALVADOR

Dr. Francisco Catão

Atravessamos, hoje, uma época de desilusões. Às esperanças frustradas de construir uma humanidade nova, livre, igual e fraterna, graças às luzes da razão e ao progresso da ciência, que resultou no universo burguês, industrializado, global, desigual e opressor, corresponde a desintegração do mundo que buscou a libertação na força do trabalho, no movimento irresistível da história, na partilha e na colocação em comum de todos os bens da humanidade.

Sucedendo à ameaça atômica e ao confronto ateu dos dois blocos em que se dividiu o planeta depois da guerra, há cinquenta anos, assistimos a um verdadeiro despertar religioso, alimentado ainda, é verdade, pelo sonho e pela utopia de uma nova era de paz e de espiritualidade, apesar dos desmentidos das guerras constantes entre etnias que se querem autônomas ou reivindicam a mesma porção de território.

Nesse contexto universal e cósmico é que se coloca, para os cristãos, o problema da salvação. Tanto mais que os seres humanos, nos dias de hoje, alimentam uma grande expectativa em torno de Jesus. Somente Jesus, proclamam alguns, poderá nos libertar de todos os males que nos afligem! Para outros, apesar da descristianização que afeta parcelas

cada vez mais significativas da sociedade, Jesus ainda é o referencial humano mais importante, o único libertador, esperança derradeira de todos os que lutam por uma sociedade mais justa. Outros, enfim, voltam-se para Jesus, como capaz de apontar o caminho da verdade para todas as religiões e a todos os que de uma ou de outra forma ocupam-se dos destinos da humanidade. Até mesmo os que combatem Jesus ou lhe procuram desfigurar a imagem com que vem sendo reconhecido há quase dois mil anos demonstram, a seu modo, o lugar único que ocupa Jesus na história. Existe, hoje uma grande esperança no nome de Jesus, que não pode ser frustrada.

Mas em que consiste a salvação trazida por Jesus? Será que o Filho de Deus Salvador satisfaz a todas essas expectativas?

Fiéis à nossa tradição religiosa cristã, não podemos portanto deixar de nos perguntar sobre a significação exata da salvação, boa nova que somos chamados a testemunhar e a anunciar. A resposta é sempre Jesus, Filho de Deus Salvador, cimo altaneiro para o qual apontam duas vertentes: uma histórica, o fato Jesus, e outra de fé, teológica, sua significação.

## Quem foi Jesus?

Um artesão humilde de Nazaré, aldeia insignificante da desprezada Galiléia, religiosamente marginalizada por se ter tornado lugar de encontro e cruzamento entre as muitas correntes culturais e religiosas das nações.

Um companheiro maravilhoso no grupo dos galileus que se encontraram em torno do Batista, circuncisos de coração, que anteviam a realização das promessas longe das ambições das autoridades religiosas de Jerusalém, do luxo e das festanças dos apaniguados do poder.

Um mestre com autoridade sobre a doença, sobre os demônios e a natureza, e que tinha, além disso, palavras de vida eterna, às quais os discípulos sentiram no fundo do coração, a necessidade de seguir, ainda que fosse necessário tudo deixar e quebrar a rotina pacata da vida de pescadores, que lhes supria à subsistência.

Foi certamente nessas perspectivas que os discípulos acompanharam-no a Jerusalém por ocasião da Páscoa, que seria a derradeira. Anteviram os riscos, mas confiaram no resultado favorável do confronto: como se deixaria enredar pelos judeus aquele a quem ventos e mares obedeciam?

A despedida se fez em clima de denso mistério e pesadas apreensões. O discípulo amado nos legou sua versão, ainda hoje enternecedora,

pelo contraste entre a lucidez do mestre e a desorientação dos discípulos. Foi - em seguida - a prisão, o julgamento e a morte. A negação e a dispersão daqueles que haviam acreditado restabeleceria Jesus o reino de Israel.

A narrativa que Lucas consagra aos chamados discípulos de Emaús traduz, literariamente, em que consistiu a conversão pascal: a presença velada do mestre na figura do peregrino, que retoma uma por uma as profecias. A presença revelada no gesto memorial de despedida fá-los compreender, mais do que o simples fato de que Jesus está vivo, a significação dos acontecimentos de que haviam sido testemunhas. Por intermédio de Jesus, havia Deus cumprido a promessa feita desde a origem do mundo, formulada depois do pecado, de triunfar do mal e derramar seu Espírito no universo, sobre todos os humanos.

### Nas raízes da cristologia

Cristologia é uma palavra moderna. Resulta da divisão material dos tratados teológicos, agrupados por conteúdo, na perspectiva dogmática, tal como se passou a entendê-los a partir do século XVI. Corre sempre o risco de desconhecer, por um lado, a unidade do Mistério no qual refulge a significação de Jesus; por outro, a individualidade do fato histórico ocorrido há dois mil anos, que não se deixará jamais esgotar por

um saber, seja ele de fé, pois todo saber humano é genérico, ao se construir como ciência, como o pretendem a Cristologia e todas as "logias". Digamos melhor: o miolo do que hoje constitui a cristologia constitui a substância do Novo Testamento. Os escritos neotestamentários, documentos apostólicos e evangelhos, são a interpretação que os discípulos foram levados a fazer, desde o início, do fato Jesus, visto à luz da ressurreição, como chave hermenêutica maior e indispensável à sua compreensão. Na fé dos discípulos, baseada na constatação de que Jesus está vivo, resultante das aparições e sancionada pela narrativa do túmulo vazio, é impossível separar os fatos de que foram testemunhas desde o tempo em que encontraram Jesus entre os seguidores do Batista, e o reconhecimento de sua significação salvadora, à luz dos profetas e de toda a esperança messiânica de Israel.

Foi o escalpelo com que se vê obrigada a trabalhar a ciência que introduziu distinções em cima de distinções, desde a mais genérica dentre elas, famosa em nossos dias, entre o Jesus da fé e o Jesus histórico, fruto da epistemologia idealista, até a que mais trabalho deu quando se tratou de resolver a questão Jesus, nos termos reificados da filosofia helênica que distinguiam, infinitamente, o *Logos* eterno do *antropos*, em

tudo semelhante a nós ou, se quisermos, a divindade da humanidade do Filho de Deus encarnado.

Longe de nós o fato de desconhecer a importância dessas distinções que asseguram a viabilidade das expressões da fé. Mas é indispensável ao fiel, cuja vida é Jesus, no Espírito, manter viva a unidade da experiência dos discípulos que uniu, indissociavelmente, no Novo Testamento, a realidade do fato com a não menos real percepção de sua significação, fundada na certeza de que o Ressuscitado lhes havia comunicado o Espírito, no qual somente é possível confessar que Jesus é Senhor.

Ora, na idéia que se faziam os discípulos de quem é Jesus, não se pode separar seu ser histórico de sua missão, reconhecida por intermédio da ressurreição quando, então, se deram conta do papel que Jesus desempenhava na realização histórica do desígnio de Deus.

### O mistério cristão: a salvação

A percepção de que o reconhecimento de quem é Jesus só nos é dado na visão global do desígnio de Deus, em continuidade com as missões do Filho e do Espírito, tem levado alguns currículos de teologia a não mais considerar separadamente, como disciplinas distintas, os antigos tratados da Trindade, Cristologia e Pneumatologia, incluindo o que chamamos, às vezes, de antropologia

sobrenatural, o estudo da graça e a substância propriamente teológica do tratado da Igreja. Tende-se hoje a englobá-los todos no estudo do que vem, então, a se denominar o mistério cristão.

A unidade do mistério cristão provém radicalmente da unidade do desígnio salvador, posta em evidência pelo que se convencionou chamar de teologia conciliar. Em lugar de considerar as verdades de fé como outros tantos dogmas, prefere-se articular todas as expressões da fé, devidamente hierarquizadas, como manifestação múltipla do mistério de Deus e de sua comunicação com os humanos. Desta realidade assim articulada, a Igreja é, em última análise, o sacramento. Tal afirmação - solenemente colocada na abertura da Constituição Dogmática sobre a Igreja, a *Lumen Gentium* - pressupõe, de fato, o reconhecimento da unidade de que a Igreja é sacramento, que nada mais é do que a unidade de Deus comunicando-se aos humanos, a unidade do mistério cristão.

Ora, a unidade do desígnio de Deus, o qual se reflete na unidade da Igreja não é outra, senão quando definitivamente realizada a unidade do que em teologia designamos sob o nome de salvação. Qualquer que seja a origem histórico-cultural-religiosa desse termo, sobre o qual se têm derramado rios de tinta, da pena dos autores antigos até às impressoras

de nossos computadores, não há dúvida de que ele foi sempre teologicamente assumido para designar o resultado impertérito da fidelidade divina, especialmente na tradição profética e cristã, inclusive quando se começou a confessar a fé na linguagem política dos imperadores, de que se esperava paz e proteção, isto é, *swthria*.

É sobremaneira importante ter presente que a realidade da salvação cristã, entendida como participação na vida de Deus, no Espírito, constitui a certeza fundamental diretamente trazida pela ressurreição, de tal sorte que a salvação não pode ser corretamente vista apenas como consequência, por exemplo, da divindade de Jesus ou da comunicação do Espírito, mas é antes confessada como a realidade pascal e pneumatológica que levou os discípulos a confessar a filiação divina de Jesus e a reconhecer o Espírito na raiz dos dons de que faziam experiência. Esse argumento soteriológico é hoje reconhecido pelos exegetas como constituindo a estrutura argumentativa da grande maioria dos textos neotestamentários. A obra divina operada na comunidade e nas pessoas é o sinal inequívoco da divindade dos agentes que a operam: Deus, de que provém e para o qual se orienta todo ser, Palavra que está junto de Deus desde toda a eternidade e que, na história, assumiu nossa humanidade e nos revelou o Pai; o Espírito que nos faz efetiva-

mente participantes da vida divina e, por isso mesmo, o Filho, reconhecido como consubstancial ao Pai, para estender à terceira pessoa a qualificação que Nicéia havia reconhecido à segunda.

### *As múltiplas expressões da salvação*

Uma das características da teologia contemporânea é a percepção de que o mistério cristão, sendo o mistério de Deus que se comunica aos humanos, participa da transcendência mesma de Deus, que não pode encontrar na história nenhuma expressão que o compreenda, no sentido etimológico do termo, isto é, que traduza adequadamente a plenitude do seu ser e de sua verdade. Por isso, João XXIII, no seu discurso de abertura do Concílio, no dia 11 de outubro de 1962, depois de lembrar que a história é mestra da vida e recomendar que os cristãos sejam capazes de interpretar corretamente a história, os sinais dos tempos, propôs a distinção fundamental entre a substância da fé, como dizia, e suas expressões.

Tal relativização das expressões da fé, que contribuiu (num certo sentido), para a polêmica relativista, que hoje ocupa, segundo o próprio Cardeal Ratzinger, o proscênio das discussões teológicas, pareceria tender, num primeiro momento, a esvaziar a história para se entrincheirar, materi-

almente, em pretendidas expressões definitivas que seriam, precisamente, os chamados dogmas da fé. Mas é justamente o contrário que acontece. Distinguir a substância das expressões da fé significa relativizá-las todas, ou seja, sob um ângulo novo, já bem conhecido dos exegetas, percebe-lhes a historicidade. Todas as expressões da fé, inclusive os dogmas, estão sempre inseridas numa cultura e são fruto de uma determinada problemática teológica, embora apontando, autenticamente, para a Verdade que as transcende e que será melhor manifestada talvez, num outro contexto cultural, por expressões outras, sempre, porém, em continuidade com as primeiras, mas também em ruptura, sob alguns aspectos.

Ora, a teologia do mistério cristão, ou da salvação, foi uma das que mais sofreu abalos profundos no decurso da história. Seria impossível sequer mencionar a todos, tal a multiplicidade de maneiras de entender a salvação, só comparável com a multiplicidade dos perfis atribuídos a Jesus no decorrer dos séculos.

Para não nos distanciarmos da atual problemática basta lembrar, talvez, três grandes momentos bastante conhecidos, mas nem sempre devidamente avaliados.

### *O preço do pecado*

O Oriente manteve uma soteriologia muito próxima dos primeiros séculos patrísticos em que

prevalencia a comunicação da vida divina, em continuidade com as missões do Filho e do Espírito. Já o Ocidente, que passou por transformações políticas e eclesiológicas mais profundas, viu-se compelido a analisar melhor a significação da ação humana de Jesus como salvador, sob pena de não poder fundamentar, racionalmente, nem mesmo a própria Encarnação. Se Cristo se encarnou por causa de nós, homens, e de nossa salvação foi porque sua ação humana devia servir de mediação à comunicação da vida de Deus a todos os humanos. Ora, como explicar esse valor salvador da ação de Jesus?

A primeira analogia corrente, numa igreja cada vez mais identificada com sua própria estrutura hierárquica, como estava acontecendo, contemporaneamente, no movimento conhecido como Reforma Gregoriana, no século XI, era a analogia jurídica. Nessa direção, aliás, já se orientavam certos elementos do vocabulário soteriológico do próprio Novo Testamento. A humanidade havia sido escravizada pelo demônio, que a dominava por intermédio do pecado. Deus, respeitando todas as exigências da justiça, enviou, então, seu Filho para pagar o preço do pecado e libertar-nos da escravidão do demônio, oferecendo a Deus plena satisfação pelo pecado. O pecado, ofensa a Deus, é de certo modo infinito. Só poderia ser remido por uma satisfação também de certo

modo infinita, como foi a satisfação prestada pelo Filho de Deus em pessoa, graças à realidade de sua humanidade!

Anselmo de Cantuária (+1109) tornou-se o patrono dessa nova explicação. Satisfazia, ao mesmo tempo, às exigências nascentes da escolástica e de uma igreja antes de tudo institucional, administradora do direito à salvação eterna, adquirido pelo preço do sangue de Jesus. Inaugurava-se, na verdade, uma nova expressão da fé, com repercussões na maneira de entender todo o mistério cristão. A montante, modificavam-se as relações entre Jesus e o Pai. A jusante, além da compreensão da igreja, introduzia-se uma visão nova dos sacramentos e, sobretudo, do sacramentais. Estabeleceram-se com tal rigidez essas posições, que foi preciso esperar o nosso século para começar a perceber com maior clareza seu estatuto epistemológico, digamos assim, sua relatividade.

### *O mérito do amor*

Tomás de Aquino (1225-1274) é um teólogo curioso. De ascendência nobre e formação monástica, destinava-se ao alto clero, mas se faz frade mendicante numa ordem recém-fundada, assumindo riscos que pareceram demasiados à família, que nele depositava tantas esperanças. Teólogo da Cúria Pontifícia, que já então apresentava certos vezos de

rígida burocracia, é também leitor e mestre na borbulhante Paris, distanciando-se da posição conservadora dos clérigos seculares e assumindo teses aparentemente até anticristãs, trazidas no bojo dos comentaristas árabes de Aristóteles.

Quem teve a felicidade de frequentar Tomás de Aquino mais de perto, se surpreendeu muitas vezes com a novidade escondida em expressões de aparente continuidade com o passado teológico, a ponto de iludir os incautos leitores superficiais e encher de emoção o discípulo sequioso por encontrar saídas menos convencionais às eternas aporias da fé, que desafiam toda razão.

Tomás de Aquino tinha razões de sobra para não admitir em profundidade a solução então revestida da autoridade anselmiana. Não é possível resolver a questão da comunicação divina, da salvação, em termos jurídicos, sociais ou políticos. Falando em pagar o preço do pecado estamos, evidentemente, na esfera das metáforas onde, como no mundo da lua, tudo é possível. Mas não se pode contrariar levemente a expressão corrente da fé, sem propor uma analogia mais adequada, que tenha, igualmente, seu fundamento na tradição.

Durante largos anos, Tomás não mexeu na maneira como era habitualmente exposto o mistério da redenção. Duas razões, porém, ao que tudo indica, encorajaram-no a bus-

car um caminho novo. A primeira, de natureza cristológica, confirmada pela tradição calcedonense, através sobretudo de Máximo, o Confessor, (580-662) e do sexto Concílio Ecumênico (680). A outra, quem sabe, fruto de sua própria teologia, que lhe evidenciou a qualidade interpessoal do mistério cristão, transcendente a todas as suas expressões religiosas e políticas.

Tivemos ocasião de analisar a primeira em nossa tese há mais de trinta anos, *Salut et Rédemption chez saint Thomas d'Aquin* (Paris, Aubier, 1965. Coll. *Théologie*, 62), seguindo passo a passo a evolução dos textos. A segunda, mais difícil de comprovar historicamente, talvez seja, porém, a principal, quando se considera que o próprio Tomás teria tido tudo para tê-la desenvolvido, se tivesse chegado a se libertar de um certo cristologismo eclesiástico, como o mostrou Congar, acentuando melhor o peso da comunhão pneumática que nos une a Jesus, em contraposição à submissão obediente aos influxos do que chamou de graça capital.

O certo é, porém, que na questão 48 da terceira parte da Suma, Tomás valoriza a tal ponto a idéia de mérito que havia elaborado na primeira parte da segunda, que a estrutura metafórica da linguagem teológica a respeito da redenção se apresenta como que em dois registros: o registro ético, designando a realidade de mesma do valor salvador da ação

de Jesus, e o registro sócio-religioso, que fala de satisfação, de redenção, de libertação e de sacrifício, de natureza estritamente metafórica, como mediações ou modos de se representar uma realidade transcendente, que outra coisa não é senão o ato de amor, por si mesmo meritório. O pensamento se completa e nossa interpretação se consolida pelo lugar reconhecido à expressão patrística da humanidade de Jesus como instrumento da divindade, que afasta, como tal, toda a concepção de tipo social-jurídico e confirma a realidade pneumática de sua ação humana salvadora.

O grande drama da história da teologia da redenção no Ocidente, que não deixa de ser, num certo sentido, o drama do cristianismo, é que a reação tomasiana à posição anselmiana não chegou a modificar o curso da história. Foi desconhecida pelos próprios tomistas, numa igreja que valorizava cada vez mais suas estruturas de poder, em detrimento do reconhecimento eclesial das experiências de vida teologal, lugar histórico e antropológico da comunhão com Deus, da salvação.

### *A comunhão no Espírito*

A partir dos fins do século XIII começa-se a viver, na igreja, uma situação dicotômica a que nem sempre historiadores e teólogos têm dado suficiente importância: a hierarquia e os leigos. Estes vivem da fé e são

chamados à perfeição do amor. Aquela, organizada como uma invejável estrutura de poder, comandada pelo pontífice romano, é cada vez mais identificada com sendo a Igreja.

A história da Igreja passa a ser a história da hierarquia, quando não a história dos papas, que superam a tormenta conciliarista, atualizam as engrenagens de mobilização católica, tornando-as capaz de resistir por quatro séculos aos embates religiosos e políticos da modernidade. Na verdade, a atitude defensiva adotada pela Igreja flexibilizou-se com a morte de Pio IX (1878), mas só vai realmente modificar-se com a de Pio XII, em 1958!

João XXIII convoca imediatamente o Concílio. Quer que se torne um novo Pentecostes. Passou-se a época das condenações. Inúteis novas proclamações dogmáticas. A Igreja, para cumprir sua missão, precisa, agora, antes de tudo, falar uma linguagem compreensível aos humanos, nossos contemporâneos, pois seu dever para com o mundo, como o de Jesus, não é de condená-lo, mas de salvá-lo. E a Igreja salva agindo, como Jesus, por amor, no Espírito. Sua ação se insere na economia da comunicação do Espírito a todos os humanos, o prolongamento de Pentecostes, sua efetivação até o fim dos tempos.

O Concílio teve que se decidir, num momento solene, sobre a quem dar a prioridade na Igreja: ao povo

de Deus ou à hierarquia. No voto, prevaleceu o povo. Mais do que a determinação da ordem entre os capítulos da *Lumen Gentium*, segundo ou terceiro, conta a significação do próprio conceito de Igreja, que deixa de ser uma hierarquia a que pertence o povo para se tornar, aos poucos, é verdade, e lentamente na história, sujeita ainda a muitas idas e vindas, um povo, reunido pelo Espírito, que conta com os poderes de Jesus, que veio para servir, não para ser servido.

O deslocamento soteriológico é enorme: em lugar de se afirmar, somente, que toda a salvação vem de Jesus, de seu sacrifício e de seus méritos, acrescenta-se agora que, uma vez glorificado, envia-nos o Espírito, que nos introduzirá na verdade plena. Afirma-se assim que o dom do Espírito é a substância da salvação, pois o que o Pai busca são adoradores em Espírito e Verdade.

O Espírito de Deus que pairava sobre o caos antes de toda a criação, foi comunicado aos humanos desde os primeiros tempos, presidiu à aliança noáquica, conduziu Abraão à terra da promessa, lutou com Jacó e guiou maravilhosamente José ao Egito. O Espírito suscitou Moisés, escolheu Davi, falou pela boca de todos os profetas, até que um dia desceu sobre Maria, da qual nasceu Jesus, cheio do Espírito Santo, a ponto de poder, uma vez glorificado, comunicá-lo a todos os humanos, a

começar pelos discípulos, para serem suas testemunhas até os confins da terra.

Os teólogos parecem, hoje, trilhar o bom caminho quando analisam a ação salvadora de Jesus, não mais fundamentalmente do ponto de vista antropológico, como o fizera Tomás de Aquino, focalizando a ação humana de Jesus. Vão descobrindo aos poucos a realidade espiritual, pneumática, da salvação. Nesse sentido, abrem o leque da salvação a todas as ações humanas, espirituais que são historicamente *pneumáticas*, pois o Espírito de Deus está presente no coração de todos humanos, através do desejo de Deus nele inscrito. Essa presença do Espírito é dom, manifestado pela Revelação, mas está em continuidade com a presença divina de imensidade. Deus está presente no mais íntimo de todos os seres, por Ele sustentados no ser. No caso da criatura inteligente e livre, Deus está presente, espiritualmente, como presença à inteligência e à liberdade, solicitada a lhe dizer sim, desde que coloque um primeiro ato pensado qualquer, de liberdade.

### *Por uma síntese soteriológica*

Temos assim, rapidamente situadas na história, três expressões da salvação: jurídica, antropológica e pneumática ou mística. Todas três tem por fonte o desígnio salvador de Deus, manifestado definitivamente em Jesus. Todas reconhecem o papel

precípua e específico do Filho e do Espírito, pois a Trindade econômica, como se diz tecnicamente, histórica, é expressão da Trindade teológica, transcendente. Mas em cada uma delas variam os papéis do Filho e do Espírito:

Na primeira, sublinha-se a *função social de Jesus*, com acentuação do poder dos que são por ele escolhidos para perpetuar a sua obra; na segunda, a *qualidade ética de Jesus*, de que o Novo Testamento é a carta magna e a expressão maior; na terceira, enfim, *o dom do Espírito*, recebido no seio da comunidade e no fundo do coração de cada um, fonte imanente e imediata da comunhão com Deus, que é a realidade mesma da salvação.

A teologia não é como a ciência. Não obriga a escolher uma expressão em detrimento das outras, como quem suplantasse as demais teorias, pela adoção de uma nova. A arte da teologia como sabedoria consiste, justamente, em manter abertas, viáveis e válidas todas as abordagens consistentes do mistério, hierarquizando-as sem dúvida, entre si, mas procurando guardar, numa harmonia superior, a contribuição que cada uma delas oferece à contemplação do mistério que as ultrapassa a todas.

Contra a hegemonia simplificadora da dogmática, defendeu-se ultimamente o direito e até a necessidade dos teólogos assumirem a particularidade do ponto de inserção histórico-social em que se encontram, para

construir uma teologia real e efetivamente engajada. Explica-se, assim, a originalidade das teologias da libertação, da teologia feminista ou da teologia negra. O reconhecimento do ponto de inserção é indispensável, quando se tem consciência da relatividade das expressões da fé. Não significa, porém, que se deva sacrificar a unidade da teologia fundada na unidade mesma do mistério cristão.

### *O acesso à salvação*

O esforço de se colocar do ponto de vista de Deus é exigência primordial da teologia: o saber que brota da fé, a adesão pessoal a Deus, e busca exprimir as verdades acolhidas na fé. Como o explica Tomás de Aquino na primeira questão da Suma, a teologia é ciência *de* Deus nos dois sentidos do genitivo, objetivo e subjetivo: ciência a respeito de Deus e participação no conhecimento perfeito que é Deus de si mesmo e de todas as coisas por ele criadas.

Em todas as culturas em que a religião ocupa seu devido lugar, o teólogo ou equivalente, xamã, pai de santo, gurú, como quer que o chamemos, é o sábio por excelência, que lida com as forças que sustentam o mundo e com o que dá sentido à vida.

No Ocidente, porém, por razões que têm suas raízes no próprio cristianismo, prevaleceu, a partir da modernidade, o ponto de vista antropológico: mais importante do que

penso Deus de mim é o que penso eu de Deus! Revolução semelhante à copernicana, cheia de virtudes e perspectivas novas mas, igualmente, cheia de riscos, difíceis de serem até hoje evitados. Passa-se quase que ao mesmo tempo em cosmologia, do geocentrismo ao heliocentrismo mas, culturalmente, do teocentrismo ao antropocentrismo.

A teologia como sabedoria, homogênea tanto à concepção do mundo quanto à cultura, vê-se esgarçada entre o reconhecimento da soberania divina absoluta, implícito no heliocentrismo, e uma nova visão da cultura e dos destinos humanos, decorrente do antropocentrismo. O deísmo, num certo sentido, resultou desse esgarçamento.

No que diz respeito à salvação, projetada agora numa espécie de objetividade cósmica, como obra de Deus, passou a ser negada ou até mesmo denunciada como suprema impostura, alheando os humanos de sua verdadeira tarefa terrestre e submetendo-os, passivamente, ao *establishment* opressor. A salvação real estaria nas mãos humanas, seria uma conquista humana. Jesus a conquistou primeiro, como chefe do grande exército dos que reconhecem a Deus. Mas todos somos chamados a conquistá-la sendo, para cada um, mais importantes os caminhos de acesso do que a própria realidade insuspeitável da salvação que será

proporcionada no céu a todos os que combaterem sob a bandeira de Jesus.

Assim, o grande problema soteriológico dos nossos dias não é tanto o dom da salvação por parte de Deus, que se efetivará depois da morte, na outra vida, senão os caminhos pelos quais os humanos acedem à salvação. A teologia passou a se interessar mais pelas categorias de pessoas que têm ou terão acesso à salvação e pelas formas de aceder ao gozo de seus benefícios, que os olhos não viram nem os ouvidos escutam, que jamais sequer imaginou o coração humano.

A primeira resposta que se deu a esta nova problemática foi surpreendente: fora da Igreja, não há salvação! Basta um mínimo de frequência à Bíblia, à literatura religiosa da humanidade, em geral, e a toda a antigüidade cristã, para estranhar que se tenha podido recorrer a um velho axioma formulado dentro do contexto do cristianismo africano no século III, para responder ao problema novo e totalmente diverso do acesso à salvação. O axioma havia sofrido violenta distorção no quarto Concílio de Latrão (1215). Tratava-se, agora, de um contexto de Igreja totalmente diverso. Fazer dessa realidade histórica particular a Igreja Católica Romana em que, sem dúvida, como diz o Concílio, subsiste o mistério da Igreja de Jesus, susten

tada pelo Espírito Santo, o caminho único da salvação universal, é um anacronismo teologicamente evidente.

Conhecemos todos a espécie de trocadilho com que Schillebeeckx inicia o terceiro livro de sua trilogia sobre Jesus, *História humana, revelação de Deus* (São Paulo, Paulus, 1994): nenhuma expressão esgota a substância da fé. Do ponto de vista de Deus, é verdade dizer que *fora da Igreja não há salvação*, para responder ao problema particular que se colocava o Concílio de Florença, a respeito da necessidade de se realizar a unidade entre cristãos orientais e ocidentais. Mas é também verdade, do ponto de vista de Deus, quando se coloca o problema do acesso de todos os humanos à salvação universal, dizer, por exemplo, que *fora da história não há salvação*, pois é pela busca efetiva da verdade, pela prática da justiça e da solidariedade, que somente podem os humanos aceder à salvação, à participação da vida divina no Espírito, ao seguimento de Jesus, à comunhão com Deus.

Compete ao teólogo afinar seu vocabulário de acordo com o mundo e com a cultura em que se acha inserido. Antes de se engajar política ou eclesiasticamente na defesa do grupo humano-religioso a que pertence (qual intelectual orgânico) na terminologia de Gramsci, o teólogo tem por função situar-se na cultura, como membro da comunidade cristã, sem dúvida, mas em diálogo com

seus interlocutores reais, pois esse diálogo é condição fundamental de seu testemunho e de sua participação no anúncio da salvação.

No mundo pluralista em que vivemos, não se pode mais recorrer ao monopólio do sagrado, para indicar, na história, qual a porta única da salvação. Sendo dom do Espírito, que fala ao espírito, presente pois no íntimo de coração de todos os humanos, suas vias de acesso são múltiplas, como as culturas e as pessoas. Embora subsista sacramentalmente na Igreja, chamada a testemunhá-la e a anunciá-la até os confins da terra, a salvação é, de fato, mais ampla do que a Igreja, brota no íntimo do coração de cada ser humano e é chamada a conhecer tantas expressões quantas a comunidade humana plural dispõe para exprimir o que lhe confere sentido à vida.

Não é o que se ingere que purifica o ser humano mas, pelo contrário, o que lhe sai da boca, inspirado pelo coração. Assim, também, a salvação é vivida no íntimo de cada ser humano, e suas expressões, colhidas na busca efetiva da verdade, na prática da justiça e da solidariedade, são chamadas a florescer na unidade da Igreja, católica justamente porque capaz de reunir na unidade de uma só confissão todas as expressões humanas válidas de uma sincera busca da verdade.

### *A significação de Jesus, Filho de Deus Salvador*

A Igreja está a jusante da salvação. Essa simples posição teológica já indica o acertado de nossa tese. Rigorosamente falando, não se pode dizer que fora da Igreja não há salvação, pois a Igreja não foi constituída mediadora da salvação. Sua mediação é instrumental, presta serviço à mediação de Jesus. É Cristo quem batiza, independentemente da santidade do ministro. Batiza no Espírito Santo, comunicando ao fiel, que o acolhe no fundo do coração, o dom da vida divina que não é recusado a nenhum ser humano que diga sim ao Espírito de verdade e amor, no fundo do seu coração, numa espécie de batismo espiritual, não sacramental, que passa pela mediação de Jesus, não da Igreja histórica.

Não vamos aqui, porém, detalhar a problemática eclesiológica da salvação. Afastar-nos-íamos demasiado de nosso tema que é Jesus, Filho de Deus Salvador, evidentemente a montante da salvação: quem é, de fato, Jesus Salvador? É o Filho de Deus, sem dúvida, mas encarnado, pois é como homem que vive a salvação e cumpre seu papel específico de salvador.

Desde sua encarnação, Jesus tem a plenitude do Espírito. É o homem tal qual Deus o pensou, sem pecado, embora no contexto de uma humanidade afastada de Deus, marcada pelo pecado e por suas consequên-

cias. Fez-se pecado, diz Paulo, numa expressão abrupta, dizendo que *aconteceu* pecador sem sê-lo, por causa de nós humanos e de nossa salvação.

A salvação é obra divina. Deus é quem salva. Mas o Filho de Deus encarnado a opera humanamente: dizendo sim ao Pai, vivendo na condição de pecado, morrendo pois, para proclamar, sendo humano, que nem mesmo a morte, como nenhuma outra angústia ou sofrimento humano, são obstáculos ao amor, à participação na plenitude do Espírito, à comunhão com Deus, à salvação.

Hoje, o Filho de Deus Salvador está vivo, glorioso no céu, ressuscitado. Envia seu Espírito que salva e santifica o mundo inteiro, a começar pelos humanos que dizem sim, no mais profundo de si mesmos, a esse desejo de verdade e de bem, de paz e amor, que é o desejo de Deus. A salvação é este sim, fruto (ao mesmo tempo) da ação do Espírito de Jesus glorioso e do acolhimento ao Espírito que salva e santifica.

Ora, o Espírito é liberdade. A salvação é, também, liberdade. Não liberdade de coação em primeiro lugar, pois enquanto estivermos no mundo serão sempre inúmeros os limites impostos ao que fazemos. A salvação, na sua raiz, não é pois de ordem política e social. Também não liberdade de escolha, sinal indispensável da liberdade enquanto vivemos no mundo, mas sinal provisório que desaparecerá depois que, no fim da

vida, tivermos feito a escolha definitiva. A salvação não consiste, pois, no gozo histórico das liberdades, na possibilidade de escolher, atributos essenciais às sociedades democráticas.

Antes de ser conquista humana, a salvação é dom de Deus. Nosso papel na terra, mais do que conquistar a salvação, salvarmo-nos a alma ou transformar a sociedade, é exprimir, na nossa vida, a liberdade do Espírito; irradiar, na sociedade, o amor e a liberdade derramados em nossos corações. Na terra, a comunidade da salvação é sacramento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.

A salvação é, na sua essência, participação da vida no Espírito, liberdade vivida no fundo do coração. Consiste no fato de fazer, a partir de nós mesmos, do mais íntimo de nosso coração, tudo que fazemos. O Espírito de Jesus nos purifica das ilusões que embaraçam a transparência do nosso espírito. É Ele que permite ao coração dizer, livremente, sim a Deus, como Jesus o disse, e participar assim, como Jesus, da vida de Deus, que é a salvação, em meio à condição de pecado, de servo, de prisioneiro e de condenado, inclusive na morte.

Muitas vezes nos perguntamos ainda: de que nos salva Jesus? Do ponto de vista teológico, salva-nos de nós mesmos. Salva-nos do nosso passado, purificando-nos de todos

os obstáculos à participação da vida divina. Salva-nos do nosso presente, enxugando-nos todas as lágrimas. Salva-nos, enfim, do futuro que nos espera, se não deixarmos de ser o que somos, se não nos convertermos.

Para o ser humano satisfeito, para a cultura e para a civilização cheias de si mesmo, não há salvação, enquanto não se derem conta de que, no fundo de si mesmos, há exigências maiores do que a de viver o que vivem. Persistir no que se vive é passar ao largo da salvação de Deus, pois os caminhos de Deus não são os nossos caminhos.

Disso tudo é que Deus nos salva; no fundo, pois, salva-nos de nós mesmos.

A confissão de Jesus, Filho de Deus Salvador, comporta um absoluto: mais do que o cumprimento histórico de seu papel, que lhe valeu o título de Salvador, Jesus é o Filho de Deus e, como tal, é a própria salvação, que consiste em sermos filhos no Filho, filhos do mesmo Pai e participantes do mesmo Espírito, embora ainda peregrinando na terra, seguindo o caminho da Cruz.

Conferência proferida na Semana Teológica da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em 07/4/97, pelo professor Dr. Francisco Catão do Instituto Teológico Pio XI - São Paulo.

## A VERDADE PNEUMATOLÓGICA NO IV EVANGELHO

*Pe. Dr. Benedito Beni dos Santos*

### 1 - CONTEXTO HISTÓRICO-TEOLÓGICO

Os evangelhos sinóticos descrevem a ação do Espírito presente em Jesus. O quarto evangelho dá um passo a mais: apresenta uma reflexão teológica sobre a pessoa e a missão do Espírito a partir de uma perspectiva trinitária. Essa reflexão é feita tendo, por base, uma experiência carismática especial, diferente daquela vivida pela comunidade de Corinto<sup>1</sup>. Em Corinto, abundam carismas extraordinários e, de certo modo, espetaculares, como o falar em línguas e a cura dos enfermos. A experiência do Espírito, retratada na comunidade do quarto evangelho e da primeira carta, não tem caráter espetacular. Ela se expressa no testemunho, no amor, na resistência aos falsos profetas. A ação do Espírito se desenvolve, sobretudo, no nível da interioridade em vista da compreensão da verdade de Jesus Cristo. Ele é o mestre interior.

1 Cf. 1Cor 12;14.

2 Cf. Jo 16,13.

3 Cf. Jo 14,9.

4 Cf. Jo 2,22; 12,16

A teologia do Espírito do quarto evangelho é também reflexo do contexto histórico em que vivia a comunidade no fim do século primeiro: o desaparecimento dos apóstolos pela morte. Portanto, o desaparecimento das testemunhas oculares do Jesus histórico e do Cristo pascal. Com o desaparecimento dessas testemunhas, até certo modo insubstituíveis, não faltaria à comunidade os intérpretes autorizados da mensagem de Jesus? A resposta deve ser buscada no dom do Espírito Santo. É Ele que possibilita a compreensão da verdade de Jesus Cristo<sup>2</sup>. Até mesmo as testemunhas oculares do evento conseguiram descobrir quem Ele é, não porque presenciaram os acontecimentos no seu desenrolar temporal<sup>3</sup>, mas, graças à ação do Espírito<sup>4</sup>. O Espírito continua a operar nos crentes como operou nas testemunhas oculares. Ele é o elo interior que liga a Igreja, em qualquer tempo, à sua fonte originante: a pessoa de Jesus e sua mensagem. Ele é o